

MYRIAM FRAGA: “POESIA É COISA DE MULHER...”

Wanessa Guimarães da Silva (UEFS)

O presente artigo tem pretende fazer uma leitura do poema *ARS Poética* da poeta Myriam Fraga, assim como das especificidades da sua poética. Visa também entender um pouco do cenário cultural em que a poeta estava inserida no momento da sua estréia como artista literária, e a sua representatividade no cenário artístico baiano e brasileiro. Entretanto, não se pode abrir mão de uma breve reflexão acerca das funções e valores da poesia, para só então adentrar no universo lírico da poeta em questão.

A poesia é a expressão do sentimento e tem o poder de cristalizar um momento tornando-o eterno. Essa é uma das suas maiores funções, que segundo Octavio Paz, faz de um momento um instante consagrado. É a arte por excelência, é essência, é o que existe de mais profundo na alma de um poeta. E é por isso que serve à sociedade de várias formas, uma vez que toca o leitor de uma maneira mais profunda, de uma maneira que a realidade não consegue tocar. A poesia apreende e desvela o real, por isso serve a sociedade como um documento vivo e expressivo do estado de espírito de um povo e de uma época. O poeta é portador de uma capacidade de expressão e percepção genuína, o que o faz levar para os seus versos o que está a sua volta. Os sentimentos, um comportamento, os pensamentos, os problemas de uma sociedade, são registrados e conservados pela poesia de geração a geração. Daí a afirmação de Octavio Paz de ser a poesia a “consagração de um instante”, pois através da linguagem o poeta revela a si e a sua época, fazendo da sua poética um produto social, um documento vivo da condição humana, um produto histórico de um momento consagrado e eternizado.

Uma vez que a língua é a matéria-prima do poeta, este a utiliza de maneira peculiar. A poesia, assim como a literatura de uma forma geral, traz de volta expressões que já não são mais usadas e cria expressões novas, para que a língua permaneça em constante estado de evolução. As palavras são trabalhadas de maneira que possam transmitir ao leitor a emoção que a poesia é capaz de proporcionar. Assim, a poesia tem a importante função de renovar a língua tornando-a mais bela e flexível, e mais uma vez dialogando com Octavio Paz, podemos conceber a poesia como o “reino onde nomear é ser”.

A partir do momento em que o poeta passa para os seus versos as suas idéias acaba, indiretamente, influenciando o leitor. Alimenta movimentos revolucionários, contribui para a formulação de idéias e para a formação de utopias, pois a poesia é uma forma de expressão que faz circular idéias, e é por isso que ela apresenta um poder pedagógico. É uma forma de ensinar, através do prazer que é inerente à sua capacidade de deleitar. Assim, a poesia é a arte da palavra. Ela faz o leitor mergulhar em si mesmo, e refletir sobre a sua própria existência. Esse deleite, esse prazer, o homem encontra na poesia que é a linguagem do sentimento. Uma leitura atenta da poesia de Myriam Fraga nos mostra que a poeta comunga com as idéias descritas até aqui acerca do labor poético. A sua poesia de mulher consciente da condição de mulher, nos faz mergulhar não apenas na sua feminilidade, mas também no universo dos signos lingüísticos representativos de imagens femininas.

Estudando a década de 60 do século XX, percebemos o quanto ela foi importantíssima para a arte literária, pois ocorreram grandes acontecimentos no Brasil e no mundo que influenciaram na ideologia da época, e conseqüentemente, nas produções

artísticas dessa geração, pois como diz Heloísa Buarque de Hollanda em *Cultura e Participação nos anos 60*:

Nesta situação, a dinâmica da produção cultural dificilmente poderia ser avaliada senão em confronto com as questões de ordem propriamente política colocadas pelos movimentos sociais (...). O campo intelectual poderá desempenhar, nessas condições, ainda que de forma não homogênea, um papel de “foco de resistência” à implantação do projeto representado pelo movimento militar. (1982, p. 20-21)

Essa década, de mudanças políticas e de importante formação ideológica, foi bastante fértil para a poesia baiana, lançando vários nomes no cenário nacional que fizeram dos anos 60 anos de intensa produção lírica, de “instantes consagrados”, como é o caso da poetisa Myriam Fraga, uma das maiores manifestações da poesia feminina baiana da atualidade. A poesia da década de 60 na Bahia, que pode ser entendida como “pós-moderna”, é consciente de uma estética que une razão e emoção, gerando uma diversidade criadora fruto da ideologia do momento. A estética dessa geração apresenta uma linguagem própria, em sintonia com a realidade circundante de um período fértil para o cenário cultural. Toda essa efervescente década revela um dos melhores momentos da literatura baiana. Dentre os grandes representantes do lirismo baiano desse momento, o chamado grupo Mapa, estavam: Glauber Rocha, João Carlos Teixeira Gomes, Florisvaldo Mattos, Carlos Anísio Melhor, Frede Souza Castro, Paulo Gil Soares, Fernando da Rocha Peres, Silva Dutra, Ângelo Roberto, e, como não poderia estar de fora, Myriam Fraga.

Na Bahia da década de 60 o cenário cultural girava em torno da Universidade Federal da Bahia [na época Universidade da Bahia] e os jornais se encarregavam de divulgar e levantar toda a vida literário-cultural baiana. Como se pode constatar na coluna Livros e Livrarias do jornalista Otacílio Fonseca, encontrada no Suplemento Dominical do Jornal Diário de Notícias, Suplemento que circulou no período que se estende de 27 de maio de 1956 a 7 de março de 1971, jornal integrado às organizações de Assis Chateaubriand. Segundo a coluna os jornais serviam, não só como estimulante de produção artístico-literária, mas também como divulgadores de novos “jovens” escritores que contavam com os Suplementos Dominicais de Cultura e Arte, para apresentarem à sociedade baiana e brasileira os seus talentos. É o que aconteceu como Myriam Fraga que publica no Suplemento Dominical do Diário de Notícias o poema “Dois Poemas” em 24/06/1962, e o poema “O Vaqueiro” em 23/06/1963.

As revistas literárias também cumpriam o papel de divulgar e incentivar a produção artística, como é o caso da revista Mapa, que teve grande importância para a chamada poesia da Geração de 60. Entretanto, com o advento do Golpe Militar que buscou desarticular os movimentos estudantis, culturais, intelectuais e artísticos, aos poucos a efervescência cultural que girava em torno da Universidade Federal da Bahia, foi sofrendo retaliações e opressões, e o que se viu foi a fixação de um governo repressor e autoritário que bloqueou a influência dos jornais, dos livros e das revistas na formação cultural e intelectual da juventude da época. Ainda com a repressão militar, a década de 60 foi a década de estréia de Myriam Fraga com o encarte de poesia intitulado, *Marinhas* – em uma pequena tiragem editada pela Editora Macunaíma, uma editora criada por Glauber Rocha, Calazans Neto, Fernando da Rocha Peres e Paulo Gil Soares, que tinha como objetivo publicar as produções dessa geração de 60 - e *Sesmaria*, obra publicada em 1969 como ganhadora do prêmio Arthur de Salles de

Poesia. Estas obras, ainda que iniciais, revelam o talento de uma mulher consciente da sua força criadora e dominadora de sentidos.

Durante as décadas seguintes à de 60 o lirismo de Myriam Fraga se intensificou e uma vasta bibliografia surgiu para se juntar às grandes produções da literatura baiana de poetas como Castro Alves, Arthur de Salles e Godofredo Filho, e de prosadores como Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro e Antônio Torres. A sua poesia é uma poesia de espírito, de conhecimento da realidade, do “ser mulher”, do “ser poeta”, da cultura, da história, da cidade, do povo, de lendas e mitos, e nos dá uma profunda visão da alma feminina. A partir de *Marinhas* Myriam Fraga dá o primeiro passo para se transformar no que hoje representa para o panorama cultural baiano e brasileiro.

Dona de uma poesia singularmente feminina, com versos fortes e vibrantes, Myriam Fraga consagra um instante construindo um clima de encantamento poético, e o sentimento, a emoção e a sensibilidade da sua poesia conquistam o leitor tocando-o profundamente. Seus versos criam um universo místico, seguindo dentre outros temas, o tema bíblico, mitológico e histórico, sempre com a sua marca de “mulher”. A eloquência de Myriam Fraga revela uma rebeldia feminina que explode em versos estonteantes e felinos. O “ser feminino” se apresenta como um instinto criador que perpassa os seus variados temas e revela uma domadora de sentidos, de sensações e de arrepios.

No poema *Ars Poética*, do livro *Femina* publicado em 1996, podemos ler a capacidade da autora em trabalhar a linguagem a serviço da construção poética. No poema percebe-se claramente a consciência feminina diante do fazer poético, em um texto metalingüístico.

Ars Poética

Poesia é coisa
De mulheres.
Um serviço usual,
Reacender de fogos.

Nas esquinas da morte
Enterrei a gorda
Placenta enxundiosa

E caminhei serena
Sobre as brasas
Até o lado de lá
Onde o demônio habita.

Poesia é sempre assim,
Uma alquimia de fetos.
Um lento porejar
De venenos sob a pele.

Poesia é a arte
Da rapina. Não a caça, propriamente,
Mas sempre nas mãos

Um lampejo de sangue.

Em vão,
Procuro meu destino:
No pássaro esquartejado
As escrituras das vísceras.

Poesia como antojos,
Como um ventre crescendo,
A pele esticada
De úteros estalando.

Poesia é esta paixão
Delicada e perversa,
Umidade perolada
A escorrer do meu corpo,

Empapando – me as roupas
Como uma água de febre.

Percebe-se, nesses versos, a comparação entre a criação poética, o “dar a luz ao poema”, e a capacidade feminina de gerar os homens, de “dar a luz à vida”, de gerar vida. O fazer poesia para a poeta neste poema metalingüístico é o mesmo que gerar uma criança em um útero por nove meses, e sentir sair do seu ser o fruto do seu ventre. A criação poética aparece como um parto dolorido de sentimentos e epifanias. Ver-se claramente esta analogia nos versos, “Uma alquimia de fetos”, “Como um ventre crescendo”, “A pele esticada”, “De útero estalando”, “Ao escorrer do meu corpo”. No versar da escritora “domadora de sentidos”, corpo e linguagem se unem para expressar emoção e criar epifanias, um universo sublime de palavras que se aproximam e se completam rumo ao conhecimento da alma humana. A poeta faz das palavras armas que estão sempre prontas para servir ao momento de criação do poeta em sua inquietude e expressão lírica.

Na primeira estrofe já encontramos a afirmação de que poesia é coisa de mulher. Durante todo o texto a poeta apresenta argumentos, através de analogias entre especificidades poéticas e femininas, que comprovam a sua afirmação, na tentativa de provar que o labor poético está muito próximo da condição de ser mulher. Associa também o trabalho cotidiano da mulher como “Um serviço usual”, contínuo, de um ciclo que se perpetua mensalmente como uma renovação de “Reacender de fogos”. Na estrofe seguinte afirma que “Nas esquinas da morte / Enterrei a gorda / Placenta enxundiosa”, como se o “eu” estivesse em um contínuo contato com a morte, na medida em que o ser feminino no ciclo de renovação da vida preenche lacunas entre o morrer e o nascer, como um ventre crescendo, esticando e esvaziando para esticar novamente em um eterno recomeço.

No texto encontramos uma relação dicotômica entre o lado bom e mal do ser humano que podem ser captados pela poesia. Esses lados são apresentados também como pertencentes ao ser feminino, que pode ser mãe, candura e pureza, e ao mesmo tempo mulher, pecado e luxúria. Essa relação pureza e pecado fazem analogia com o bem e o mal que a poesia pode proporcionar e captar, e mais uma vez encontramos uma

argumentação para o fato de poesia ser coisa de mulher. Além do mais a mulher como símbolo de sensibilidade comunga com a mesma sensibilidade que o poeta deve possuir para melhor sentir o mundo circundante. Assimilando não apenas as coisas boas do mundo e do homem, mas também o seu lado sombrio, desumano, dolorido, cruel. Essa relação barroca entre bem e mal pode ser encontrada claramente nos versos da terceira estrofe: “E caminhei serena / Sobre as brasas / Até o lado de lá / Onde o demônio habita”. Este outro lado onde o demônio habita se refere metaforicamente ao desespero humano, ao seu lado mais desumano, às suas dores e males, pois a poesia leva o homem a mergulhar em suas próprias fraquezas.

Na quarta estrofe a relação entre parto e criação poética aparece de forma veemente. Nesse instante a poesia nasce como um parto dolorido, como algo que precisa ser expurgado, mas não é qualquer coisa que precisa ser porejada, e sim “Venenos sobre a pele”, como se fosse um livrar-se das dores, dos males, do sofrimento humano. A poeta usa de sinestésias para criar imagens de auto-flagelação, pois o poeta com a sua sensibilidade capta o que existe de pior no mundo e na alma humana para só então expurgar essas dores como lampejos, trazendo luz para onde há sombras. E por isso, afirma que “Poesia é a arte / Da rapina. Não a caça, propriamente”, ou seja, é um sujeito agente e não paciente. Mário Faustino, em *Poesia e Experiência*, nos diz que “Enquanto o poeta purga e melhora o leitor ou ouvinte, fazendo-o “mudar de vida” purga também e também melhora a si mesmo, mudando continuamente a vida, até se possível fixar-se em formas de realização” (1977 p. 31).

O ato de criação poética é encarado no texto como algo incontrolável, que cresce e aparece independente da vontade humana. Algo concebido quase como uma dor, que não se limita, que fermenta e sai do poeta de uma maneira que ele não pode evitar ou impedir. O mesmo que uma gravidez, pois a feto é gerado, se desenvolve e quando chega o momento encontra a luz, a “Umidade perolada / A escorrer do meu corpo // Empapando-me as roupas / Como água em febre.”. Essa relação tão próxima entre poesia e vida é apresentada pela poeta como um transbordar. O poeta é então alguém escolhido e que não pode se livrar da condição de ser poeta, pois a poeticidade transborda do seu corpo como “água de febre”, em um processo involuntário, e por isso, a relação com o parto que é natural, é o milagre da vida. Assim, o poeta é usado pela poesia e não o contrário.

Myriam Fraga enquanto poeta e mulher apresenta no texto a poesia como símbolo estritamente relacionado às marcas femininas. O “dar a luz”, o gerar, “o parir” um texto é encarado como um trabalho contínuo, difícil e necessário, algo não apenas sentido, mas acima de tudo construído, lapidado, trabalhoso. Para o poeta o ato de escrever é uma doação louvável, uma entrega de si para o mundo, de si para a sua obra, assim como o ato de ser mãe é uma total entrega da mãe para com o fruto do seu ventre.

Assim, a década de 60 do século XX, deu à Bahia e ao Brasil uma importante representante cultural e criadora de climas poéticos, mistérios e ritmos. Os seus versos não se esgotam nas palavras que se unem e se completam. Há sempre um algo a mais na sua poesia que se propaga no tempo e nas sensações que suscitam. Recheados de mitos, de fúrias, de força, de ritmos e sons, a poética de Myriam Fraga pertence a todas as épocas, é o deleite, a expressão de sonhos, pecados, rebeldia, uma rede de significados e significações que fazem da linguagem uma ferramenta a serviço da criação poética. Misteriosa, feminina e avassaladora Myriam é hoje, sem sombra de dúvidas, uma das maiores representações artístico-cultural da atualidade, uma importante poetisa,

contista, jornalista, cronista, além de diretora da Fundação Casa de Jorge Amado e imortal pela Academia de Letras da Bahia desde 1985.

Bibliografia

- FAUSTINO, Mário. Diálogos de Oficina: Para que Poesia. In.: **Poesia e Experiência**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1977. p. 27 – 41.
- BRASIL, Assis. **A Poesia Baiana no Século XX: antologia**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.
- FRAGA, Myriam. **Femina**. Salvador: Editora Fundação Casa de Jorge Amado/COPENE, 1996.
- FRAGA, Myriam. **Sesmaria**. Salvador: Editora Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1969.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós - modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 2 ed. Rio de Janeiro DP&A, 1998.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e Participação nos anos 60**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.(Série Tudo è História).
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pós-Modernidade e Política**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.
- OTACÍLIO, Fonseca. **Livros e Livrarias**. In.: Suplemento Dominical. Diário de Notícias. Salvador, 11/12/1966, cad. 2, p 2.
- PAZ, Octavio. A Consagração do Instante. In.: **Signos em Rotação**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996. p 52-62.
- FEIRENSE, Tribuna. **Tribuna Cultural**. Ano III, nº 134. Feira de Santana-BA, 03/04/2005.
- VEIGA, Benedito. **Memória da Vida Literária Baiana década de 60**. (Indexação do Suplemento Dominical do Diário de Notícias 1956-1971) Salvador UNEB/QUARTETO, 2003.